

1 2 9 0



UNIVERSIDADE D
COIMBRA

Ana Rita Loureiro Apolinário

PROPOSED SPECIFIERS FOR CONDUCT DISORDER:
ESTUDO DA DIMENSIONALIDADE DA MEDIDA EM
ADOLESCENTES DA POPULAÇÃO PORTUGUESA

Dissertação no âmbito do Mestrado Integrado em Psicologia
Clínica e da Saúde, subespecialização em Intervenções Cognitivo-
Comportamentais nas Perturbações Psicológicas e Saúde,
orientada pelo Professor Doutor Daniel Maria Bugalho Rijo e
apresentada à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação
da Universidade de Coimbra

Julho de 2019

Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação
Universidade de Coimbra

Proposed Specifiers for Conduct Disorder:
Estudo da dimensionalidade da medida em
adolescentes da população Portuguesa

Ana Rita Loureiro Apolinário

Dissertação no âmbito do Mestrado Integrado em Psicologia Clínica e da Saúde,
subespecialização em Intervenções Cognitivo-Comportamentais nas Perturbações
Psicológicas e Saúde, orientada pelo Professor Doutor Daniel Maria Bugalho Rijo

Julho de 2019



UNIVERSIDADE D
COIMBRA

“The creatures that inhabit this earth, be they human beings or animals, are here to contribute, each in its own particular way, to the beauty and prosperity of the world.”

- Dalai Lama

Agradecimentos

Aos meus pais e irmã, por todo o apoio incondicional. Por serem o meu porto de abrigo. Por me ajudarem a concretizar os meus objetivos. Estarei eternamente grata.

Ao Prof. Doutor Daniel Rijo, por todo o apoio e motivação ao longo deste ano. Pelo conhecimento e conselhos transmitidos.

Ao CINEICC e, em especial, à Doutora Diana Ribeiro da Silva e ao Rúben Sousa, por toda a ajuda e disponibilidade.

À Libânia, à Catarina, à Sofia e à Ana Rita, pelas tardes de partilha e pelos risos que não acabavam. Por me darem um bocadinho de vocês.

À Catarina, à Escobar, à Maria Inês e à Raquel, as de sempre, as que tornaram tudo mais fácil, as que me apoiaram e me ajudaram a acreditar em mim. Obrigada pela vossa amizade.

Às minhas companheiras de casa, pelo ombro amigo, pelo ouvido atento e pelo sorriso constante. Por todos os momentos partilhados. Por me ajudarem a crescer ao longo destes anos.

Ao Tiago, pela paciência e pelo apoio nos momentos mais difíceis. Por acreditar em mim. Por me ajudar a ser eu.

A todos os participantes que aceitaram colaborar neste estudo.

Resumo

Proposed Specifiers for Conduct Disorder: Estudo da dimensionalidade da medida em adolescentes da população Portuguesa

A psicopatia é caracterizada pela combinação de traços de grandiosidade e manipulação (GM), de frieza e insensibilidade emocional (FI) e de impulsividade e irresponsabilidade (II). A inclusão no diagnóstico de Perturbação de Comportamento (PC) do especificador de “com emoções prossociais limitadas”, o qual se refere aos traços FI da psicopatia, poderá levar à sub-representação das características da psicopatia em crianças e adolescentes. Salekin e Hare (2016) desenvolveram a *Proposed Specifiers for Conduct Disorder* (PSCD), que pretende avaliar os traços de GM, FI e II e, ainda, a componente antissocial da psicopatia, propondo a inclusão de todas as dimensões da psicopatia como especificadores da PC. O presente estudo pretendeu validar e investigar as propriedades psicométricas da PSCD numa amostra de 648 adolescentes da população normal Portuguesa (53% do sexo feminino), com idades entre os 14 e os 18 anos. Testou-se a estrutura fatorial da PSCD com recurso a uma Análise Fatorial Confirmatória. Os resultados não suportaram o modelo teórico de quatro fatores para a PSCD nesta população. Procedeu-se à realização de uma Análise Fatorial Exploratória, tendo sido obtida uma estrutura de cinco fatores. Testou-se a nova estrutura fatorial na amostra total e, após algumas modificações, obteve-se um modelo de medida que se ajustou à população em estudo. Foram encontradas associações positivas entre a PSCD e escalas que avaliam a psicopatia, a agressividade e a vergonha, e associações negativas entre a PSCD e escalas que avaliam a compaixão e a proximidade/ligação aos outros. A PSCD apresentou uma estabilidade temporal adequada. Foram encontradas diferenças de género nos traços psicopáticos. É essencial desenvolver modelos conceptuais capazes de comparar indivíduos masculinos e femininos com traços psicopáticos. O estudo das propriedades psicométricas da PSCD em amostras de jovens com comportamentos antissociais é importante para avaliar de forma precisa os traços psicopáticos nesta população.

Palavras-chave: *Proposed Specifiers for Conduct Disorder*; Análise Fatorial Confirmatória; Análise Fatorial Exploratória; Propriedades Psicométricas; Adolescentes; Amostra comunitária; Psicopatia; Traços psicopáticos.

Abstract

Proposed Specifiers for Conduct Disorder: Study of the dimensionality across adolescents from the Portuguese population

Psychopathy is characterized by the combination of Grandiose-Manipulative (GM), Callous-Unemotional (CU) and Impulsive-Irresponsible (II) traits. The inclusion in the diagnosis of Conduct Disorder (CD) of the "with limited prosocial emotions" specifier, which refers to CU traits alone, may lead to the subrepresentation of the characteristics of psychopathy in children and adolescents. Salekin and Hare (2016) developed a new measure to assess psychopathic traits the Proposed Specifiers for Conduct Disorder (PSCD). The PSCD intends to evaluate the GM, CU and II traits and also the antisocial component of psychopathy. The present study aimed to validate and investigate the psychometric properties of the PSCD in a community sample of 648 adolescents from the Portuguese population (53% female), aged between 14 and 18 years old. The factorial structure of the PSCD was tested using a Confirmatory Factor Analysis. The results did not support the theoretical four-factor model of the PSCD in this community sample. An Exploratory Factor Analysis was executed and it was obtained a five-factor structure. The new factorial structure was tested in the total sample and, after some modifications, it was obtained a measurement model that fits the study population. It was obtained positive associations between the PSCD and other measures assessing psychopathy, aggression and shame, and negative associations between the PSCD and measures assessing compassion and social safeness and pleasure. The PSCD showed adequate temporal stability. It was found gender differences in psychopathic traits. It is essential to develop conceptual models capable of comparing male and female individuals with psychopathic traits. The study of the psychometric properties of the PSCD in samples of young people with antisocial behavior is important in order to obtain an instrument that accurately assess the psychopathic traits in this population.

Key words: Proposed Specifiers for Conduct Disorder; Factorial Confirmatory Analysis; Exploratory Factor Analysis; Psychometric properties; Adolescents; Community sample; Psychopathy; Psychopathic traits.

Índice

| | |
|--|-------------------------------------|
| Agradecimentos | 5 |
| Resumo..... | 6 |
| Abstract | 7 |
| I – Enquadramento conceptual..... | 9 |
| II – Objetivos e Hipóteses | 16 |
| III – Metodologia | 17 |
| Amostra..... | 17 |
| Instrumentos | 17 |
| Procedimentos..... | 22 |
| Estratégia analítica | 23 |
| IV - Resultados..... | 25 |
| Análise preliminar dos dados..... | 25 |
| Estudo da dimensionalidade da PSCD | 25 |
| Estudo das propriedades psicométricas da PSCD | 27 |
| Estudo da fidelidade teste-resteste da PSCD | 29 |
| Estudo da associação da PSCD com outras variáveis relevantes | 29 |
| Estudo das diferenças de género na PSCD | 31 |
| V – Discussão..... | 31 |
| Limitações e direções futuras de investigação | 35 |
| VI - Conclusões..... | 35 |
| Bibliografia | 37 |
| Anexos | Erro! Marcador não definido. |

I – Enquadramento conceptual

A psicopatia foi, inicialmente, descrita como “mania sem delírio” e “insanidade moral”, por Pinel (1806/1962) e Prichard (1835), respetivamente. No entanto, na sua conceptualização moderna, a psicopatia foi definida pela primeira vez por Hervey Cleckley (1941/1988), no seu livro “The Mask of Sanity”, como uma patologia severa escondida por detrás de uma aparente sanidade mental (cf. Ribeiro da Silva, Rijo & Salekin, 2012 para uma revisão). Segundo Cleckley (1941/1988), os sujeitos com psicopatia parecem, inicialmente, ser confiantes e psicologicamente bem ajustados, mas com o passar do tempo e num esforço de uma observação contínua, a patologia vai sendo revelada. Assim, este autor destaca como características da psicopatia a arrogância, o charme superficial, níveis baixos de culpa, imprudência e comportamento antissocial. Segundo o modelo tri-fatorial da psicopatia (Cooke & Michie, 2001), esta condição compreende características interpessoais (traços de grandiosidade e manipulação; GM), afetivas (traços de frieza e insensibilidade emocional; FI) e comportamentais (traços de impulsividade e irresponsabilidade; II) desviantes (Cooke & Michie, 2001; Hare, 2003). Os traços de GM incluem competências manipulativas, charme superficial e egocentrismo; os traços de FI caracterizam-se por falta de remorsos ou culpa, falta de empatia, despreocupação relativamente ao desempenho e afeto superficial ou deficiente; enquanto os traços de II incluem propensão ao tédio e procura de novas aventuras, estímulos e sensações fortes (Cooke & Michie, 2001).

Apesar da investigação acerca da psicopatia se debruçar, essencialmente, em indivíduos adultos, tem havido um interesse crescente em avaliar potenciais precursores da psicopatia na infância, com o objetivo de compreender os processos de desenvolvimento desta condição e permitir a sua identificação e prevenção precoce (Frick & White, 2008). O primeiro estudo que se debruçou sobre a psicopatia infantil e juvenil foi publicado por Forth, Hart e Hare (1990), utilizando uma versão adaptada da *Psychopathy Checklist-Revised* (PCL-R; Hare, 1991, 2003). A partir desse estudo pioneiro, houve uma proliferação de investigações na área da psicopatia infantil e juvenil (Salekin & Lynam, 2010). A psicopatia na infância e na adolescência é semelhante na sua expressão à psicopatia na idade adulta (Cooke & Michie, 2001; Salekin, 2016), existindo evidências de que alguns traços psicopáticos são estáveis desde a infância até à

adolescência (Loeber, Burke, & Pardini, 2009) e da adolescência à idade adulta (Lynam, Caspi, Moffitt, Loeber, & Stouthamer-Loeber, 2007). A psicopatia parece estar associada às formas mais precoces, severas e estáveis do comportamento antissocial, especialmente quando associada ao diagnóstico de Perturbação do Comportamento (PC) (Hare & Neumann, 2006; Leistico, Salekin, DeCoster & Rogers, 2008; Pechorro, Gonçalves, Maroco, Gama, Neves, & Nunes, 2012; Vitacco, Salekin, & Rogers, 2010). Sendo considerada uma condição de alto risco de reincidência criminal, que tende a piorar e tornar-se menos responsiva ao tratamento ao longo do tempo (Caldwell, McCormick, Wolfe, & Umstead, 2012), diversos autores sugerem que a psicopatia deve ser precocemente identificada, com vista à sua prevenção e tratamento (Ribeiro da Silva et al., 2012, 2013, 2015; Salekin, 2010, 2015).

Diversos estudos demonstraram uma tendência mais elevada da presença de traços psicopáticos em indivíduos do sexo masculino, em amostras forenses (Verona, Sadeh, & Javdani, 2010; Weizmann-Henelius et al., 2010) e na comunidade (Sevecke, Lehmkühl, & Krisher, 2009). A maioria dos estudos acerca da psicopatia utilizou amostras forenses essencialmente compostas por sujeitos do sexo masculino (Odgers & Moretti, 2002; Salekin et al., 2018; Verona & Vitale, 2018; Verona et al., 2010). No entanto, a investigação sobre a psicopatia feminina aumentou rapidamente, com o capítulo de Verona e Vitale (2006) sobre o tema, sugerindo que os traços de GM e CU são bem capturados pelos instrumentos de medida da psicopatia em amostras femininas (Neumann, Schmitt, Carter, Embley, & Hare, 2012; Verona & Vitale, 2018). Estas características parecem manifestar-se em desregulação emocional e suicídio em mulheres, mas não em homens (Edens, Campbell, & Weir, 2007; Verona & Vitale, 2018).

Por outro lado, os instrumentos disponíveis para avaliar os traços psicopáticos parecem não capturar tão bem os traços de II em amostras femininas (Verona & Vitale, 2018). As mulheres tendem a apresentar menos evidências de problemas comportamentais precoces, menor risco de reincidência criminal e maior reatividade emocional e violência auto-dirigida e maior tendência a comportamentos sexuais de risco, comparativamente aos homens (Crick, Ostrov, & Werner, 2006; Edens et al., 2007; Loeber et al., 2009; Neumann et al., 2012; Vaughn, Newhill, DeLisi, Beaver, & Howard, 2008; Verona & Vitale, 2018). As diferenças de género na expressão dos traços psicopáticos revelam a necessidade de se desenvolver e testar modelos conceptuais

capazes de comparar indivíduos do sexo masculino e feminino com traços psicopáticos. Isto possibilitaria o desenvolvimento de ferramentas de avaliação mais precisas e, conseqüentemente, uma melhor compreensão das diferenças de gênero na manifestação das características psicopáticas (Skeem, Polaschek, Patrick, & Lilienfeld, 2011; Verona & Vitale, 2010; Verona et al., 2010).

Diversos estudos revelaram que os indivíduos com níveis elevados de psicopatia apresentavam uma vinculação insegura, resultante de uma infância com maus-tratos, separações ou abusos (Bailey & Shelton, 2014; Frodi, Dernevik, Sepa, Philipson, & Bragesjö, 2001; Schimmenti, Capri, La Barbera, & Caretti, 2014). Estes indivíduos tendem a ter uma visão do mundo como um lugar não seguro e ameaçador e dos outros como não sendo de confiança, sendo que as relações interpessoais são percebidas como não duradouras e não compensatórias (Gilbert & Procter, 2006). A psicopatia tem sido associada ao abuso emocional (Carton & Egan, 2017) e a níveis reduzidos de empatia (Jonason & Kroll, 2015), podendo mesmo funcionar como um preditor negativo da compaixão (Lee & Gibbons, 2017). Para além disso, os indivíduos com traços psicopáticos apresentam disfunções emocionais e problemas na regulação das emoções (Hare e Neumann, 2008; Kosson, Vitacco, Swogger & Steuerwald, 2016), incluindo tentativas de bloquear experiências de vergonha e de atacar outras pessoas que os tentam envergonhar (Campbell & Elison, 2005; Elison, Pulos, & Lennon, 2006; Nyström & Mikkelsen, 2012; Ribeiro da Silva, Vagos & Rijo, 2019b; Ribeiro da Silva et al., 2019c). De acordo com esta perspectiva, a vergonha está relacionada com a tentativa de negar, evitar ou afastar a situação que provoca esta emoção, promovendo a defesa, a distância interpessoal e a falta de empatia (Gilbert, 2010; Tangney & Tracy, 2012), algumas das características afetivas e interpessoais da psicopatia (Cleckley, 1941/1988; Cooke & Michie, 2001). A par disto, alguns autores argumentaram que os traços psicopáticos funcionam como uma máscara de invulnerabilidade que esconde um núcleo de vergonha (Nathanson, 1992; Ribeiro da Silva et al., 2015, 2019b, 2019c), havendo uma associação positiva entre os traços psicopáticos e a vergonha (Campbell & Elison, 2005; Nyström & Mikkelsen, 2012). A psicopatia tem sido associada, ainda, a comportamentos antissociais e agressivos na juventude, sendo que as crianças que exibem este comportamento apresentam um risco mais elevado de conseqüências prejudiciais (Hare & Neumann,

2009; Pechorro et al., 2012). Estas consistem em relações sociais pobres, mau desempenho académico, conflitos com os pais, professores e o sistema de justiça criminal (Luukkonen, Riala, Hakko, & Räsänen, 2011), bem como queixas somáticas e psiquiátricas (Vernberg, Nelson, Fonagy, & Twemlow, 2011).

A investigação centrada no estudo da psicopatia em crianças e adolescentes, nomeadamente dos traços de FI, conduziu a que o Manual de Diagnóstico e Estatística das Perturbações Mentais (DSM-5; American Psychiatric Association, 2013) incluisse como especificador para a PC esses mesmos traços. Este especificador é designado por “com emoções prossociais limitadas” e refere-se aos traços de FI da componente afetiva da psicopatia, incluindo características como falta de remorso ou culpa, falta de empatia, despreocupação relativamente ao seu desempenho e afeto superficial ou deficiente. Para este especificador ser aplicado, o sujeito tem de ter apresentado pelo menos duas destas características, de modo persistente, num período de pelo menos 12 meses e em vários contextos relacionais e situacionais. Para avaliar os critérios, é necessário considerar relatos do/a menor e de outras pessoas que o/a conheceram durante um período prolongado de tempo (pelo menos 12 meses), por exemplo, pais, professores, colegas, membros da família e pares (APA, 2013). A inclusão dos traços de FI como especificador da PC foi pensada de forma a distinguir um subgrupo de menores com um padrão de comportamento antissocial mais grave e persistente, e, portanto, com prejuízos agravados nas diversas áreas de funcionamento dos jovens (Baskin-Sommers, Waller, Fish & Hyde, 2015; Kumsta, Sonuga-Barke & Rutter, 2012; Viding & McCrory, 2012).

Embora o especificador de “com emoções prossociais limitadas” tenha sido adicionado ao diagnóstico de PC no DSM-5, a potencial contribuição deste novo especificador para a investigação e para a prática clínica é ainda controversa (Salekin, 2016). Alguns autores assumem que os traços de FI são o núcleo da psicopatia, enquanto outros contestam esta opção, referindo que é a combinação de traços de GM, FI e II que está associada às formas mais precoces, graves e estáveis de comportamento antissocial (Andershed, Köhler, Eno Louden, & Hinrichs, 2008; Colins, Bijttebier, Broekhaert, & Andershed, 2014; Corrado, Vincent, Hart, & Cohen, 2004; Kruh, Frick, & Clements, 2005; Vincent, Vitacco, Grisso, & Corrado, 2003). Diversos estudos revelaram que, tal como os traços de FI, os traços de GM e II também são observados em indivíduos mais

jovens, sendo estáveis ao longo do tempo (Assary, Sakelin, & Barker, 2015; Fu, Evans, Xu, & Lee, 2012; Sharp & Vanwoerden, 2014; Morrongiello, Sandomierski, & Valla, 2010). Segundo estudos recentes (Colins et al., 2014; Ribeiro da Silva, Salekin, & Rijo, 2019), os traços de GM, FI e II estão altamente interrelacionados, encontrando-se distribuídos de forma contínua pela população; i.e., os indivíduos tendem a afastar-se da normalidade sobretudo em termos da severidade dos traços psicopáticos (maior ou menor endosso de traços psicopáticos) e não tanto em termos do/s tipo/s de traços endossado/s. Para além disso, parece ser a combinação de elevados níveis de traços de GM, FI e II que diminui a capacidade de resposta ao tratamento em jovens com PC (Leistico et al., 2008; Salekin, 2010, 2017). Os perfis cognitivo e emocional dos jovens com PC podem depender das várias dimensões da psicopatia, sendo que as diferenças na forma de apresentação dos seus traços revelam pistas para os mecanismos e processos que podem estar na base de cada dimensão (Salekin, 2016). Não existem pesquisas convincentes que sugiram que os traços de FI devem ser especificados sozinhos (Salekin, 2016), sendo que a utilização de apenas uma dimensão da psicopatia poderá resultar numa subavaliação dos traços psicopáticos na PC (Ribeiro da Silva et al., 2019a; Salekin, 2016).

Embora a inclusão dos traços de FI como especificador da PC seja importante tanto para a investigação como para a prática clínica, existem diversas razões para também considerar as restantes dimensões da psicopatia como especificadores da PC (Ribeiro da Silva et al., 2019a). A inclusão dos traços de GM, FI e II como especificadores para a PC poderia ajudar a reduzir a heterogeneidade deste diagnóstico, permitindo identificar um subgrupo de jovens com PC mais severamente perturbado (Ribeiro da Silva et al., 2019a; Salekin, 2016, 2017; Salekin, Andershed, & Clark, 2018). Para além disso, a inclusão destes especificadores poderia melhorar a compreensão do comportamento dos jovens delinquentes, bem como conhecer a contribuição de cada traço psicopático para a exibição de determinados padrões emocionais, cognitivos e comportamentais por parte dos jovens com PC (Salekin, 2016, 2017). Assim, conhecer as variações específicas de cada dimensão da psicopatia seria útil para os que os clínicos pudessem avaliar e recolher informação diagnóstica suficiente que lhes permitisse uma conceptualização mais fidedigna nos diferentes casos clínicos (Salekin, 2016).

Posto isto, alguns autores propõem que se incluam como especificadores da PC, não apenas os traços de FI, mas também os traços de GM e II (Ribeiro da Silva et al.,

2019a; Salekin, 2016). A opção de inclusão destes especificadores poderia refinar o estudo da PC, contribuindo para que se compreendesse de forma mais precisa os fatores de risco e fatores protetores associados à PC, assim como os processos relacionados com o desenvolvimento e manutenção da psicopatia e das suas diferentes dimensões. Consequentemente, esta informação poderia permitir o desenvolvimento de estratégias de intervenção adequadas às variabilidades individuais apresentadas pelos jovens com PC (Salekin & Lochman, 2008).

Existem vários instrumentos para avaliar os traços psicopáticos em jovens (cf. Ribeiro da Silva et al., 2013 para uma revisão). O instrumento mais utilizado para avaliar a psicopatia em crianças e adolescentes é a *Psychopathy Checklist – Young Version* (PCL-YV; Forth, Kosson, & Hare, 2003), uma adaptação da *Psychopathy Checklist - Revised* (PCL-R; Hare, 1991, 2003), que avalia as dimensões afetivas, interpessoais, antissociais e comportamentais da psicopatia. Outro instrumento bastante utilizado, e adaptado do PCL-R, é o *Antisocial Process Screening Device* (APSD; Frick & Hare, 2001), que permite avaliar os traços de frieza emocional, de narcisismo e de impulsividade. Para além destes, destacam-se, ainda, o *Youth Psychopathy Inventory* (YPI; Andershed et al., 2002), a sua versão curta (YPI-S; van Baardewijk et al., 2010) e a sua versão para crianças (YPI-CV; van Baardewijk et al., 2008), que avaliam três dimensões da psicopatia: interpessoal (grandiosidade/manipulação); afetiva (frieza e insensibilidade emocional) e comportamental (impulsividade/irresponsabilidade).

Apesar da existência de vários instrumentos de avaliação dos traços psicopáticos nos jovens, estes apresentam algumas limitações. Existe a possibilidade de algumas características avaliadas por estes instrumentos fazerem parte do desenvolvimento normativo dos jovens (Forth & Book, 2007). Posto isto, medidas que não têm em consideração os padrões normativos da adolescência podem produzir pontuações mais elevadas, sobrestimando o nível de traços psicopáticos dos indivíduos (Forth & Book, 2007). Em relação ao PCL:YV, existem dúvidas acerca da sua confiabilidade e validade, bem como preocupações em relação ao seu uso no sistema de justiça criminal, associadas à rotulação e estigmatização dos adolescentes que pontuem de forma elevada nesta medida (Forth et al., 2003). Relativamente ao YPI, verificam-se problemas de confiabilidade nas dimensões de FI e II (Pechorro, Ribeiro da Silva, Rijo, Gonçalves &

Andershed, 2017). No que diz respeito ao APSD, existem problemas em termos da estrutura fatorial desta escala, bem como dúvidas em relação às escalas de impulsividade e de frieza emocional, uma vez que esta apresentam valores de consistência interna baixos (Vitacco, Rogers, & Neumann, 2003). Para além disso, este instrumento é destinado a ser um rastreio e não deve ser utilizado de forma isolada para a avaliação de traços psicopáticos em menores (Vitacco, et al., 2003). Podem ainda surgir problemas relacionados com a desajustabilidade social, uma vez que os itens são suscetíveis a distorções em relação ao comportamento criminal e antissocial manifesto, sendo que os adolescentes podem responder de forma a obter pontuações mais baixas nesta escala (Vitacco, et al., 2003). Para além destas limitações, não existe nenhum instrumento de autorrelato que avalie os três traços psicopáticos (GM, FI e II) e, ainda, a componente antissocial da psicopatia (Pechorro et al., 2017). Independentemente da existência de diversas medidas para avaliar a psicopatia nos jovens, é portanto essencial a criação de instrumentos mais robustos e precisos (Pechorro et al., 2017).

Na tentativa de ultrapassar estas limitações, Salekin e Hare (2016) desenvolveram um novo instrumento de avaliação psicológica que pretende avaliar de forma precisa e robusta os traços de GM, FI e II e, ainda, a componente antissocial da psicopatia, o *Proposed Specifiers for Conduct Disorder*. Reconhecendo a importância de um diagnóstico conceptual mais concreto e sólido da PC, a PSCD foi construída como resposta à necessidade de avaliar também os traços psicopáticos que não foram incluídos no diagnóstico de PC no DSM-5, propondo a introdução das restantes dimensões da psicopatia como especificadores da PC. Este instrumento encontra-se em fase de estudo, não tendo sido ainda realizada nenhuma investigação com vista à validação do mesmo (Salekin, 2016).

O presente estudo pretendeu investigar as propriedades psicométricas da PSCD em adolescentes da população geral portuguesa. Esperava-se encontrar uma estrutura tetra-fatorial, semelhante à estrutura da PCL-R proposta por Hare (2003), englobando os fatores de GM, FI e II e um quarto fator que considera os indicadores relativos ao comportamento antissocial. Pretendeu-se, desta forma, validar uma nova medida de avaliação de traços psicopáticos em menores, que se espera que possa permitir a avaliação destes traços de forma precisa e empiricamente validada na população Portuguesa. Este

instrumento ficará acessível para investigações futuras que se debrucem quer na avaliação dos traços psicopáticos, quer na compreensão da psicopatia na infância e adolescência.

II – Objetivos e Hipóteses

A presente investigação teve como objetivo geral a validação e o estudo das propriedades psicométricas da versão portuguesa da escala *Proposed Specifiers for Conduct Disorder* (PSCD; R. T., Salekin, & R. D., Hare; versão portuguesa autorizada de D. Ribeiro da Silva, D. Rijo, & A. Seara-Cardoso, 2017), utilizando uma amostra de adolescentes da população normal Portuguesa.

Estabeleceram-se os seguintes objetivos específicos:

- 1) Testar o modelo de medida tetra-fatorial teoricamente proposto;
- 2) Estudar as propriedades psicométricas dos itens e dos fatores da PSCD;
- 3) Investigar a fidelidade teste-reteste da PSCD;
- 4) Estudar a associação da PSCD com outras variáveis relevantes;
- 5) Estudar as diferenças de género nos traços psicopáticos avaliados pela PSCD.

Foram estabelecidas as seguintes hipóteses de investigação:

H1: A PSCD apresenta uma estrutura tetra-fatorial com os itens agrupados em fatores;

H2: Os fatores da PSCD apresentam elevada consistência interna;

H3: A PSCD apresenta adequada estabilidade temporal;

H4: Existem associações positivas entre a PSCD e medidas de psicopatia, de vergonha e de agressividade; e associações negativas entre a PSCD e medidas de compaixão e de proximidade/ligação aos outros;

H5: Encontrar diferenças de género nos traços psicopáticos avaliados pela PSCD.

III – Metodologia

Amostra

Para o presente estudo, foi recolhida uma amostra de 648 participantes da população normal Portuguesa ($M = 15.53$ anos; $DP = 0.50$ anos) A amostra foi constituída por 305 adolescentes do sexo masculino ($M = 15.98$ anos; $DP = 1.23$ anos) e 343 adolescentes do sexo feminino ($M = 16.04$ anos; $DP = 1.15$ anos), com idades compreendidas entre os 14 e os 18 anos.

Os jovens apresentaram uma média de anos de escolaridade concluídos de 9.52 ($DP = 1.13$) e uma média de número de reprovações de 0.27 ($DP = 6.47$). Todos os participantes sabiam ler e escrever, sendo que 45.1% da amostra total apresentava um nível socioeconómico (NSE¹) baixo, 46.7% um NSE médio e 8.3% um NSE alto. Não foram encontradas diferenças de género estatisticamente significativas relativamente à idade ($Z = -.615, p = .538$), aos anos de escolaridade concluídos ($Z = -1.790, p = .074$) e ao NSE ($Z = -1.500, p = .134$). Os participantes foram recrutados em Escolas Regulares (95.2%) e Escolas Profissionais (4.8%).

Foram incluídos no estudo indivíduos com idades compreendidas entre os 14 e os 18 anos e língua materna portuguesa. Os critérios de exclusão foram a iliteracia, a suspeita de défice cognitivo e a suspeita de presença de psicopatologia

Instrumentos

Proposed Specifiers for Conduct Disorder (PSCD; R. T. Salekin & R.D. Hare; versão Portuguesa autorizada de D. Ribeiro da Silva, D. Rijo, & A. Seara-Cardoso, 2017).

Este instrumento de autorresposta é constituído por 24 itens pontuados de 0 (“Falso”) a 2 (“Verdadeiro”), tendo como objetivo avaliar traços psicopáticos em adolescentes, nomeadamente traços de grandiosidade e manipulação, frieza e insensibilidade emocional, impulsividade e irresponsabilidade e comportamento

¹ O Nível Socioeconómico foi avaliado através da profissão dos pais, considerando a classificação das profissões portuguesas (Instituto Nacional de Estatística, 2010). Exemplos de profissões no grupo de NSE altos são juizes ou professores do ensino superior; no grupo de NSE médio são enfermeiros, psicólogos ou professores de escola; e no grupo de NSE baixo são agricultores, pessoal de limpeza ou trabalhadores indiferenciados.

antissocial. Cada fator é estimado por um total de 6 itens, sendo que os primeiros 6 itens avaliam os traços de GM (e.g., “Sou capaz de me mostrar encantador/a em qualquer situação que seja preciso.”), os 6 seguintes avaliam os traços de FI (e.g., “Consigo virar as costas e afastar-me de alguém que está magoado ou ferido.”), os 6 seguintes avaliam os traços de II (e.g., “Gosto de mudanças radicais ou de entrar em novas aventuras.”) e os últimos 6 avaliam o comportamento antissocial (e.g., “Já agredi fisicamente animais ou pessoas.”). No presente, não existem estudos de validação desta escala, quer para amostras nacionais, quer para amostras internacionais.

Inventário de Traços Psicopáticos em Jovens – Versão Breve (YPI-S, *Youth Psychopathic Traits Inventory-Short*; van Baardwijk et al., 2010; tradução e adaptação portuguesa de Pechorro & Abrunhosa Gonçalves, 2015).

O YPI-S é uma versão curta do YPI original (Andershed et al., 2002) e é constituída por 18 itens de autorresposta. O YPI-S avalia os traços psicopáticos em adolescentes dos 12 aos 18 anos de idade. Cada item é pontuado numa escala tipo *Likert* de 1 (“Discordo muito”) a 4 (“Concordo muito”). Os itens desta escala compreendem três dimensões com 6 itens cada, nomeadamente, a dimensão interpessoal ou grandiosidade e manipulação (e.g., “Sou bom/boa em fazer com que as pessoas acreditem em mim, quando estou a inventar algo.”), dimensão afetiva ou frieza e insensibilidade emocional (e.g., “Quando as outras pessoas têm problemas, muitas vezes é por culpa delas. Por isso, não devíamos ajudá-las.”) e dimensão comportamental ou impulsividade e irresponsabilidade (e.g., “Considero-me uma pessoa bastante impulsiva.”), congruente com o modelo tri-fatorial de Cooke e Michie (2001). Resultados mais elevados refletem uma presença acrescida dos traços psicopáticos. No estudo original, o YPI-S revelou ser uma medida fiável para avaliar a psicopatia, com valores de consistência interna variando do aceitável ao bom (van Baardewijk et al., 2010).

Na validação portuguesa do YPI-S (Pechorro, et al., 2017) foi identificada uma estrutura de modelo tri-fatorial, tendo sido obtida uma consistência interna do aceitável ao bom baseada nos coeficientes de alfa de *Cronbach* (.82 para a dimensão GM, .70 para a FI, .67 para a II e .84 para o total da escala) (Pechorro et al., 2017).

Na presente amostra, o YPI-S revelou uma boa consistência interna com valores de coeficiente de alfa de *Cronbach* de .79 para a dimensão GM, .70 para a FI, .69 para a

II e .81 para o total da escala. Apresentou, ainda, coeficientes de alfa de .81 na amostra masculina e de .81 na amostra feminina.

Escala de Conflito entre Pares – Versão Reduzida (PCS-20, *Brief Peer Conflict Scale*; versão portuguesa por Vagos, Rijo & Santos, 2014).

A PCS-20 é uma versão reduzida do PCS original (Marsee et al., 2011), sendo constituída por 20 itens, aos quais os participantes respondem numa escala tipo *Likert* de 0 (“Sou muito pouco assim”) a 5 (“Sou totalmente assim”). Os itens organizam-se em diferentes tipos de agressão: reativa aberta (e.g., “Quando me zango, acabo por bater em alguém.”), proativa aberta (e.g., “Começo lutas para conseguir o que quero.”), reativa relacional (e.g., “Quando uma pessoa me enerva, escrevo coisas más acerca dela e mostro a outras pessoas.”) e proativa relacional (e.g., “Para pensarem que sou o melhor, espalho mentiras acerca dos outros.”). Quanto maior for a pontuação em cada dimensão, maior é o respetivo nível de agressividade.

Embora a PCS-20 ainda não esteja validada, no estudo original da PCS, o coeficiente de alfa para as amostras combinadas foi de .82 para a agressão proativa aberta, .80 para a agressão proativa relacional, .89 para a agressão reativa aberta e .79 para a agressão reativa relacional (Marsee et al., 2011).

A PCS também foi validada para jovens da população portuguesa (Vagos, Rijo, Santos, & Marsee, 2014), tendo sido encontrado um modelo de medida com quatro fatores, coincidente com o proposto por Marsee et al. (2011). A escala apresentou coeficientes de alfa de *Cronbach* de .91 para a agressão reativa aberta, .90 para a agressão proativa aberta, .87 para a agressão reativa relacional e .89 para a agressão proativa relacional, revelando uma boa consistência interna da escala (Vagos et al., 2014).

Na amostra do presente estudo, a PCS-20 revelou uma consistência interna do aceitável ao bom ($\alpha = .84$ para a dimensão agressão reativa aberta, $\alpha = .79$ para a agressão proativa aberta, $\alpha = .68$ para a agressão reativa relacional, $\alpha = .75$ para a agressão proativa relacional e $\alpha = .92$ para o total da escala).

Escala da Compaixão – Versão para adolescentes (CS-A, *Compassion Scale – Adolescents*; versão portuguesa para adolescentes por Castilho, Brazão, & Xavier, 2015).

Este instrumento constituído por 24 itens visa avaliar a compaixão pelos outros, organizando-se em seis fatores: Bondade (e.g., “Se vejo alguém a passar por um momento difícil, tento ser atencioso e caloroso com essa pessoa.”), Indiferença (e.g., “Por vezes quando os outros falam sobre os seus problemas, sinto que não me importo com isso.”), Humanidade Comum (e.g., “Toda a gente se sente triste de vez em quando; faz parte de ser-se humano.”), Desligado (e.g., “Não me sinto emocionalmente ligado/próximo a pessoas que estão em sofrimento.”), Mindfulness (e.g., “Percebo quando as pessoas estão chateadas, mesmo quando não dizem nada.”) e Não Envolvimento (e.g., “Tento evitar os outros que estão em profundo sofrimento.”). Os participantes reportam como se sentem e agem em relação aos outros através de uma escala tipo *Likert* de 1 (“Quase nunca”) a 5 (“Quase sempre”) pontos.

No estudo original (Pommier, 2010), foram encontrados bons índices de ajustamento para um modelo de medida de segunda ordem, em que os seis fatores convergem no fator principal, Compaixão. A escala revelou boas propriedades psicométricas, apresentando um alfa de *Cronbach* de .87 para a o total da escala. Relativamente à consistência interna das subescalas, a Bondade apresentou um alfa de .83, a Indiferença de .71, a Humanidade Comum de .71, a Desligado de .68, a Mindfulness de .72 e a Não Envolvimento de .71.

Na versão portuguesa para adultos (Sousa, Castilho, Vieira, Vagos, & Rijo, 2017), foi encontrado um melhor ajustamento dos dados para um modelo de dois fatores de segunda ordem (Compaixão e Julgamento), cada um agrupado com três dos seis fatores de primeira ordem. Foi obtido um excelente alfa de *Cronbach* para o fator Compaixão ($\alpha = .91$), tendo-se verificado consistências internas aceitáveis nas suas subescalas: Bondade ($\alpha = .79$), Humanidade Comum ($\alpha = .79$) e Mindfulness ($\alpha = .78$). Também a dimensão Julgamento revelou uma excelente consistência interna ($\alpha = .92$), obtendo-se boas consistências internas para as subescalas: Indiferença ($\alpha = .78$), Desligado ($\alpha = .74$) e Não Envolvimento ($\alpha = .78$) (Sousa et al., 2017).

A CS-A foi estudada numa amostra de adolescentes da população portuguesa (Sousa, Paulo, Brazão, Castilho, & Rijo, 2019), tendo sido obtida uma excelente consistência interna para a dimensão Compaixão ($\alpha = .90$) e os seguintes valores de

consistência interna nas suas subescalas: $\alpha = .81$ (Bondade), $\alpha = .78$ (Humanidade Comum) e $\alpha = .64$ (Mindfulness). Foi obtida uma boa consistência interna para a dimensão Julgamento ($\alpha = .87$) e as seguintes consistências internas para as subescalas: $\alpha = .72$ (Indiferença), $\alpha = .68$ (Desligado) e $\alpha = .69$ (Não Envolvimento). Os valores de consistência interna para a amostra masculina foram $\alpha = .90$ para a Compaixão e $\alpha = .87$ para o Julgamento, e para a amostra feminina foi $\alpha = .88$ para a Compaixão e $\alpha = .87$ para o Julgamento.

Na presente amostra, o fator Compaixão apresentou um valor de alfa de *Cronbach* de .84, sendo que os alfas das suas subescalas foram: $\alpha = .80$ para a Bondade, $\alpha = .78$ para a Humanidade Comum e $\alpha = .63$ para o Mindfulness. Para o fator Julgamento, foi obtido um alfa de *Cronbach* de .87 e os seguintes valores para as subescalas: $\alpha = .70$ para a Indiferença, $\alpha = .72$ para o Desligamento e $\alpha = .68$ para o Não Envolvimento. Os valores de consistência interna para a amostra masculina foram: $\alpha = .84$ para a Compaixão e $\alpha = .86$ para o Julgamento; e para a amostra feminina foram $\alpha = .81$ para a Compaixão e $\alpha = .87$ para o Julgamento.

Escala da Vergonha Externa – Versão Breve para Adolescentes (OASB-A, *Other as Shamer Scale Brief – Adolescent version*, Goss, et al., 1994; versão portuguesa para adolescentes por Pinto-Gouveia et al., 2013).

A OASB-A é uma versão reduzida da escala OAS (Goss, Gilbert, & Allan, 1994) para adolescentes. A OASB-A é uma escala unifatorial e composta por 8 itens que avaliam a vergonha externa, ou seja, o grau de perceção da forma como é visto pelos outros. Os itens são respondidos numa escala tipo *Likert* de 5 pontos que varia entre 0 (“Nunca”) a 4 (“Quase sempre”). Pontuações mais altas indicam níveis mais elevados de vergonha externa.

Na versão original da OAS, verificou-se uma excelente consistência interna ($\alpha = .92$) (Goss et al., 1994). A versão portuguesa desta escala revelou um alfa de *Cronbach* .91 (Matos, Pinto-Gouveia, & Duarte, 2011). A OAS-A foi validada para jovens da população portuguesa, tendo-se verificado uma estrutura unidimensional e uma excelente consistência interna ($\alpha = .95$) (Cunha et al., 2012). A OAS2 é a versão breve da OAS para adultos e replica a estrutura unidimensional do OAS (Matos et al., 2011). Este instrumento apresenta uma boa consistência interna ($\alpha = .82$).

A OASB-A foi validada entre adolescentes da população normal portuguesa (Vagos, Ribeiro da Silva, Brazão, Rijo, & Gilbert, 2016). O modelo de medida revelou uma estrutura unifatorial e uma excelente consistência interna ($\alpha = .92$).

No presente estudo, foi observado uma excelente consistência interna da OASB-A, tendo sido observado um valores de alfa de *Cronbach* de .91 para o total da escala, de .90 para a amostra masculina e de .92 para a amostra feminina.

Escala de Proximidade e Ligação aos Outros para Adolescentes (SSPS-A, *Social Safeness and Pleasure Scale*; Gilbert et al., 2009; versão portuguesa para adolescentes: Castilho, Dinis, Xavier, & Brazão, 2015: manuscrito não publicado).

A SSPS-A é um instrumento de autorresposta unifatorial que pretende avaliar se as pessoas experienciam o mundo como seguro, acolhedor e apaziguador. É constituída por 11 itens que refletem a forma como as pessoas se podem sentir em diferentes situações de interação social. Os sujeitos respondem numa escala tipo *Likert* de 1 (“Quase Nunca”) a 5 (“Quase Sempre”) pontos. No estudo original, a escala revelou uma consistência interna excelente, apresentando um alfa de *Cronbach* de .92 (Gilbert et al., 2009).

A SSPS-A foi estudada na população portuguesa (Miguel et al., 2018), tendo revelado um valor de consciência interna de .93.

Na amostra do presente estudo, observou-se uma consistência interna excelente do SSPS-A, com base no alfa de *Cronbach* de .91 para o total da amostra, de .90 para a amostra masculina e de .92 para a amostra feminina.

Procedimentos

Para a presente investigação, a autorização para a validação da PSCD em adolescentes da população Portuguesa foi obtida dos autores da PSCD original (Salekin, & Hare, 2016). Foi autorizada e utilizada a tradução original da PSCD para a língua Portuguesa Europeia (Ribeiro da Silva, Rijo & Seara-Cardoso, 2017).

Foi obtida a autorização da Direção Geral da Educação do Ministério Português da Educação para recrutar adolescentes em contexto escolar. O estudo foi aprovado pela Comissão de Ética da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra (FPCEUC), no âmbito do projeto “*Psychopathy.comp - Changeability of psychopathic traits in young offenders: Outcomes from a compassion-*

based psychotherapeutic intervention”. Foi realçado o carácter voluntário da participação no estudo, tendo sido entregue um consentimento informado aos participantes e, no caso destes serem menores de idade, aos seus tutores legais, para que os sujeitos pudessem integrar o estudo.

O recrutamento da amostra foi realizado em escolas e na comunidade de Portugal Continental. Nem todos os jovens aceitaram ou puderam participar no estudo. As razões para isso acontecer incluíram a recusa da participação e o preenchimento de um ou mais dos critérios de exclusão (não compreender a língua Portuguesa, suspeita de défice cognitivo ou de presença de psicopatologia). O número final de participantes voluntários incluídos no presente estudo foi 648, com uma taxa de participação de cerca de 83% do total de participantes contratados. Todos os participantes preencheram o questionário da PSCD ($n = 648$). No entanto, foram utilizadas amostras mais pequenas da amostra total para o estudo da associação entre a PSCD e outras variáveis relevantes ($n = 560$ para a OASB-A; $n = 619$ para o YPI-S, $n = 271$ para a SSPS-A, $n = 270$ para a PCS-20 e $n = 648$ para a CS).

O protocolo de investigação foi distribuído em formato papel, sendo constituído pelos instrumentos referidos anteriormente, acompanhados de um consentimento informado, um questionário sociodemográfico, um breve esclarecimento acerca dos objetivos da investigação e, ainda, informação acerca da confidencialidade dos dados. Os instrumentos constituintes do protocolo de investigação foram distribuídos de forma contrabalanceada, de modo a que os resultados não fossem influenciados pela ordem de preenchimento dos mesmos.

A recolha dos dados foi realizada pelo investigador e colegas de investigação do 5º ano do Mestrado Integrado em Psicologia da FPCEUC. Este estudo obedeceu a todos os princípios éticos e deontológicos, mantendo a confidencialidade e o anonimato dos participantes.

Estratégia analítica

O estudo da dimensionalidade da PSCD foi realizado com recurso ao *software* Mplus, versão 8.3 (Muthén & Muthén, 2017). Existindo um modelo teórico previamente estabelecido, optou-se pela realização de uma Análise Fatorial Confirmatória (AFC). Dado que os dados da presente amostra não seguem uma distribuição normal e que a a

natureza da resposta aos dados pode ser considerada categorial, o estimador considerado mais apropriado para realizar as análises estatísticas foi o *Weighted Least Squares Means and Variance adjusted* (WLSMV; Muthén & Muthén, 2007).

O objetivo da AFC foi de verificar se os dados suportavam o modelo teórico que indica uma estrutura tetra-fatorial, englobando os fatores de GM, FI e II e um quarto fator que considera os indicadores relativos ao comportamento antissocial (Salekin & Hare, 2016). De forma a verificar se o modelo proposto traduziu uma explicação adequada ou fraca do construto em estudo, procedeu-se à análise da qualidade de ajustamento da global do modelo de medida, com recurso a índices de ajustamento e aos respetivos valores de referência.

Após a verificação de que o modelo de medida não demonstrava ajustamento aos dados, foi realizada uma Análise Fatorial Exploratória (AFE), de modo a explorar a estrutura fatorial da escala. Seguidamente, testou-se o modelo de medida modificado, para verificar se os dados suportavam o modelo sugerido pelo programa estatístico. A análise da qualidade de ajustamento da global do modelo de medida foi, novamente, realizada com recurso a índices de ajustamento e aos respetivos valores de referência.

Os índices de ajustamento analisados para testar o ajustamento do modelo de medida foram os seguintes: *Chi-Square* (χ^2/df) e os seus graus de liberdade (df); *Comparative Fit Index* (CFI); *Root Mean Square Error Approximation* (RMSEA); *Standardized Root Mean Square Residual* (SRMR); AIC (*Akaike Information Criterion*). Utilizaram-se os seguintes critérios de referência: valores do SRMR iguais ou inferiores a .09 combinados com valores do CFI iguais ou superiores a .95 ou com valores do RMSEA iguais ou inferiores a .06 (Hu & Bentler, 1999). No entanto, Kline (2016) considera aceitável um valor do RMSEA entre .05 e .08. Para o índice de comparação de modelos AIC, será melhor o valor mais baixo na comparação dos mesmos (Hair, Black, Babin & Anderson, 2009).

O SPSS (*Statistical Package for the Social Sciences*) 22.0 foi utilizado para a realização das estatísticas descritivas, testar a normalidade dos dados, análises de correlações, testar as diferenças de médias entre amostras, análise da consistência interna e estudo da associação entre a escala em estudo e variáveis relevantes.

Os índices de consistência interna da medida foram calculados através do Coeficiente de *Cronbach*, sendo este considerado o indicador que fornece a melhor

estimativa de fidelidade de um teste (Nunnally & Bernstein, 1994). Com base nos critérios de referência de Pestana e Gageiro (2005), coeficientes com valores inferiores a .60 são inadmissíveis, entre .60 e .70 são considerados fracos, entre .70 e .80, consideram-se razoáveis, entre .80 e .90 são considerados bons coeficientes, por último, alfas de *Cronbach* superiores a .90 são considerados muito bons. A qualidade dos itens foi verificada através da análise dos seus *loadings*. Consideraram-se aceitáveis os *loadings* com valores iguais ou superiores a .40 (Hair, et al., 2009).

A associação entre os fatores da PSCD e outras variáveis relevantes (vergonha externa, compaixão, agressividade, proximidade/ligação ao outro) foi analisada através do coeficiente de correlação de *Spearman*. Foi, também, investigada a fidelidade teste-reteste da PSCD, através da análise das correlações dos resultados de cada dimensão da escala obtidos em dois momentos distintos de avaliação, com um intervalo de tempo de três a quatro semanas entre eles. Consideram-se as correlações entre variáveis muito baixas para valores inferiores a .20, correlações baixas para um valor entre .21 e .39, correlações moderadas entre .40 e .69, entre .70 e .89 consideram-se as correlações elevadas e quando são superiores a .90, consideram-se muito elevadas (Pestana & Gageiro, 2005). Por fim, as diferenças de género nos traços psicopáticos da PSCD foram exploradas com recurso ao teste de *Mann-Whitney*.

IV - Resultados

Análise preliminar dos dados

Foi realizada a análise da normalidade das variáveis em estudo através do Teste de *Kolmogorov-Smirnov*. Os resultados demonstraram que todas as variáveis da PSCD não apresentam uma distribuição normal, sendo que todos os testes revelaram um resultado de $p < .000$. Deste modo, foi utilizado estimador WLSMV para a realização da análise dos dados.

Estudo da dimensionalidade da PSCD

A análise dos dados iniciou-se através da realização de uma Análise Fatorial Confirmatória do modelo teórico original (Modelo I). Este modelo indica a existência de quatro fatores (*Grandiosidade e Manipulação; Frieza e Insensibilidade Emocional;*

Impulsividade e Irresponsabilidade; e *Antissocial*) que convergem num fator latente de ordem hierárquica superior (*Psicopatia*). Com base nos fracos índices de ajustamento do modelo de medida, verificou-se que o Modelo I não demonstrou um ajustamento aceitável aos dados (cf. Tabela 1). Deste modo, explorou-se a dimensionalidade da escala através de uma Análise Fatorial Exploratória, surgindo um modelo de medida constituído por cinco fatores de primeira ordem, sem agrupar os fatores num fator geral de ordem superior. Este modelo revelou um ajustamento aceitável aos dados ($\chi^2 = 299.675 / df = 166$; RMSEA = .035; CI = .029 - .042; CFI = .958; SRMR = .27). As principais mudanças sugeridas no modelo de medida (Modelo II) referem-se à divisão da dimensão de GM em dois fatores (*Grandiosidade*; e *Manipulação*) e da alteração do item 11 (correspondente ao fator FI) e do item 24 (correspondente à componente antissocial) para a dimensão II. Tendo em conta que o conteúdo dos itens 11 e 24 não se encontra associado à dimensão II, estes itens foram reposicionados nos fatores correspondentes.

Testou-se, então, o Modelo II na amostra total, tendo-se obtido índices de ajustamento aos dados próximos do aceitável (cf. Tabela 1). De forma a melhorar o ajustamento aos dados do Modelo II, procedeu-se à análise dos *loadings* dos itens, optando-se por excluir o item 17 (“Gosto de viver no momento presente”; Fator *Impulsividade e Irresponsabilidade*), uma vez que este apresentava um valor muito baixo ($\lambda = .347$). Com a exclusão do item 17 e após realizadas as correlações dos pares de erros (item 4 [“Tenho grande facilidade em mentir”; Fator *Manipulação*] com item 6 [“Sou muito bom a inventar histórias”; Fator *Manipulação*]; item 14 [“Gosto de mudanças radicais ou de entrar em novas aventuras”; Fator *Impulsividade e Irresponsabilidade*] com item 15 [“Dá-me muito gozo fazer coisas arriscadas”; Fator *Impulsividade e Irresponsabilidade*]), o modelo de medida (Modelo II modificado) relevou uma qualidade de ajustamento superior, considerando os critérios dos valores de índices de ajustamento de Hu e Bentler (1999) (cf. Tabela 1).

Dado que o Modelo II modificado apresenta um ajustamento adequado aos dados referentes à amostra total, o mesmo foi testado tanto na amostra feminina, como na amostra masculina. Para a amostra feminina, o modelo de medida ajustou-se aos dados com base nos critérios dos valores de índices de ajustamento de Hu e Bentler (1999) (cf. Tabela 1). Para a amostra masculina, foram realizadas as correlações dos pares de erros (item 14 [“Gosto de mudanças radicais ou de entrar em novas aventuras”; Fator II] com

item 15 “[Dá-me muito gozo fazer coisas arriscadas”]; Fator II]; item 8 [“Consigo virar as costas e afastar-me de alguém que está magoado ou ferido”]; Fator FI] com item 9 [“Quer as pessoas estejam felizes, quer estejam chateadas, é como se isso não me incomodasse”]; Fator FI]), de forma a aumentar o ajustamento do modelo de medida aos dados. Após a realização destas correlações de erros, o Modelo II modificado apresentou um ajustamento aceitável aos dados na amostra masculina, com base no critério de que o valor do RMSEA entre .05 e .08 é aceitável (Kline, 2016). Tendo em conta que o Modelo II modificado apresentou um ajustamento aceitável aos dados, e de forma a não piorar o seu ajustamento, apesar de existirem mais correlações entre erros, optou-se por fazer apenas as correlações acima referidas.

Tabela 1

Índices de ajustamento dos modelos de medida testados para a PSCD

| | χ^2 | df | RMSEA | CI for RMSEA | CFI | SRMR |
|----------------------|----------|-----|-------|--------------|------|------|
| Modelo I | 1167.850 | 248 | .076 | .071; .080 | .807 | .091 |
| Modelo II | 922.259 | 242 | .066 | .061; .070 | .858 | .081 |
| Modelo II modificado | 696.060 | 218 | .058 | .053; .063 | .894 | .073 |
| Amostra feminina | 431.761 | 220 | .053 | .046; .060 | .896 | .084 |
| Amostramasculina | 478.696 | 218 | .063 | .055; .070 | .862 | .088 |

Nota. χ^2 : *Chi-Square*; df: *degrees of freedom*; RMSEA: *Root Mean Square Error Approximation*; CI: *Confidence Interval*; CFI: *Comparative Fit Index*; SRMR: *Standardized Root Mean Square Residual*.

Estudo das propriedades psicométricas da PSCD

Optou-se por escolher o Modelo II modificado como o que melhor se ajusta aos dados recolhidos. Através da comparação dos índices de ajustamento dos modelos de medidas testados, o Modelo II modificado revelou ser a melhor escolha para a PSCD nesta amostra de adolescentes da população normal Portuguesa.

As propriedades dos itens que constituem cada fator do instrumento são apresentadas na Tabela 2. São reportados, também, os valores da média e desvio-padrão dos itens e, ainda, os *loadings* de cada item constituinte do Modelo II modificado da PSCD.

Os coeficientes de *Cronbach* observados para os cinco fatores variam entre .63 (*Grandiosidade*) e .74 (*Manipulação*). Relativamente aos valores de correlação entre o item e o fator total, estes relevam ser desde moderadas a elevadas, variando de .515 (item 10; fator FI) a .865 (item 6; fator *Manipulação*). Todos os itens da escala apresentam

loadings significativos ($p = .000$) com valores iguais ou superiores ao valor de referência (0.4) (Hair et al., 2009)

Tabela 2

Consistências internas dos fatores e características psicométricas da PSCD

| | <i>M</i> | <i>DP</i> | <i>r</i> | λ |
|---|----------|-----------|----------|-----------|
| F1 Grandiosidade ($\alpha = .629$) | .90 | .56 | | |
| 1. Sou capaz de me mostrar encantador/a em qualquer situação que seja preciso | 1.10 | .68 | .718** | .660 |
| 2. Sou uma pessoa muito importante | .72 | .70 | .811** | .718 |
| 3. Sou muito bom na maioria das coisas que faço | .92 | .64 | .733** | .669 |
| F2 Manipulação ($\alpha = .744$) | .54 | .52 | | |
| 4. Tenho grande facilidade em mentir | .60 | .71 | .851** | .691 |
| 5. Sou capaz de me aproveitar dos outros | .27 | .52 | .626** | .880 |
| 6. Sou muito bom a inventar histórias | .64 | .72 | .865** | .693 |
| F2 Frieza e Insensibilidade Emocional ($\alpha = .650$) | .38 | .33 | | |
| 7. Não perco tempo a pensar naquilo que os outros sentem. | .40 | .61 | .654** | .585 |
| 8. Consigo virar as costas e afastar-me de alguém que está magoado ou ferido. | .24 | .52 | .548** | .688 |
| 9. Quer as pessoas estejam felizes, quer estejam chateadas, é como se isso não me incomodasse. | .24 | .51 | .586** | .736 |
| 10. Gosto quando sinto que os outros têm medo de mim. | .25 | .52 | .515** | .756 |
| 11. Algumas pessoas consideram que eu sou uma pessoa má. | .56 | .66 | .520** | .522 |
| 12. Raramente sinto culpa ou remorsos. | .44 | .63 | .590** | .485 |
| F4 Impulsividade e Irresponsabilidade ($\alpha = .643$) | .85 | .50 | | |
| 13. Sou uma pessoa destemida. | .99 | .69 | .537** | .505 |
| 14. Gosto de mudanças radicais ou de entrar em novas aventuras. | 1.28 | .73 | .697** | .510 |
| 15. Dá-me muito gozo fazer coisas arriscadas. | 1.07 | .72 | .778** | .747 |
| 16. Sinto que preciso de estímulos fortes. | .98 | .69 | .591** | .596 |
| 18. Algumas pessoas dizem que sou imprudente, que não penso nas consequências daquilo que faço. | .69 | .72 | .567** | .393 |
| F5 Antissocial ($\alpha = .703$) | .45 | .34 | | |
| 19. Já roubei coisas. | .35 | .62 | .607** | .617 |
| 20. Já agredi fisicamente animais ou pessoas. | .39 | .66 | .645** | .700 |
| 21. Já destruí propriedade (objetos, carros, casas, ...). | .26 | .54 | .571** | .676 |
| 22. Algumas pessoas dizem que eu não respeito muitas regras. | .36 | .58 | .637** | .715 |
| 23. Eu comecei a desrespeitar regras antes dos 10 anos de idade. | .30 | .58 | .557** | .774 |
| 24. Consigo ser desafiante e ter sempre argumentos. | 1.11 | .70 | .615** | .633 |

Nota. *M* = média; *DP* = desvio padrão; *r* = correlação item-dimensão; λ = *loadings* dos itens; α = coeficiente de *Cronbach*.

** $p < .001$.

Estudo da fidelidade teste-reteste da PSCD

Para investigar a fidelidade teste-reteste da PSCD, foi utilizada uma subamostra de 50 participantes (50% do sexo feminino). Através da análise das correlações das pontuações das dimensões da PSCD em momentos distintos de avaliação, com um intervalo de tempo de cerca de três a quatro semanas, foram encontradas associações positivas de moderadas a elevadas nas dimensões da PSCD, variando de .614 (*Grandiosidade*) a .807 (II) (cf. Tabela 3). Para além disso, não se obtiveram diferenças significativas entre a média dos resultados obtidos nas dimensões da escala nos diferentes momentos de avaliação ($p > .050$). Estes dados revelam que a PSCD apresenta uma estabilidade temporal adequada.

Tabela 3

Fidelidade teste-reteste da PSCD

| | <i>r</i> | <i>p</i> |
|------------------------------------|----------|----------|
| Gransiodidade | .614** | .000 |
| Manipulação | .648** | .000 |
| Frieza e Insensibilidade Emocional | .644** | .000 |
| Impulsividade e Irresponsabilidade | .807** | .000 |
| Antissocial | .629** | .000 |

Nota. *r* = correlação entre as pontuações das dimensões em momentos distintos de avaliação.

** $p < .001$.

Estudo da associação da PSCD com outras variáveis relevantes

No estudo da associação da PSCD com outras variáveis relevantes, foram obtidas associações positivas entre todas as dimensões da PSCD e o total e as dimensões do YPI-S, à exceção da dimensão *Grandiosidade* da PSCD com a *Impulsividade e Irresponsabilidade* do YPI-S (cf. Tabela 4). Foram, ainda, encontradas associações positivas entre todas as dimensões da PSCD e o total e as dimensões da PCS-20, à exceção da dimensão *Grandiosidade* da PSCD com as dimensões de *Agressão Reativa Aberta* e *Agressão Proativa Aberta* da PCS-20 (cf. Tabela 4).

Foram encontradas associações positivas entre a OASB-A e todas as dimensões da PSCD, à exceção da associação negativa obtida entre a OASB-A e o fator *Grandiosidade* da PSCD (cf. Tabela 5). Encontrou-se uma associação negativa entre a SSPS-A e a dimensão *Frieza e Insensibilidade Emocional* da PSCD, tendo-se obtido uma associação positiva entre a primeira escala e a dimensão *Grandiosidade* da PSCD (cf.

Tabela 5). Todas as dimensões da PSCD se associaram positivamente à dimensão *Julgamento* da CS-A, à exceção da dimensão *Grandiosidade* da PSCD (cf. Tabela 5). Foram obtidas associações negativas entre a dimensão *Compaixão* e as dimensões *Manipulação*, *Frieza e Insensibilidade Emocional* e *Antissocial* da PSCD (cf. Tabela 5).

Tabela 4

Estudo da associação da PSCD com o YPI-S e a PCS-20.

| | YPI-S total | YPI-S GM | YPI-S FI | YPI-S II | PCS-20 total | PCS-20 ARA | PCS-20 ARR | PCS-20 APA | PCS-20 APR |
|------|----------------|-------------|-------------|---------------------|-----------------|--------------------|---------------|--------------------|---------------|
| PSCD | | | | | | | | | |
| F1 | .180** | .321** | .096* | -.029 ^{ns} | .123* | .033 ^{ns} | .128* | .680 ^{ns} | .135* |
| F2 | .394** | .533** | .162** | .166** | .340** | .144* | .305** | .275** | .325** |
| F3 | .381** | .299** | .333** | .238** | .405** | .282** | .308** | .380** | .319** |
| F4 | .380** | .327** | .141** | .372** | .322** | .243** | .224** | .276** | .199** |
| F5 | .419** | .377** | .230** | .324** | .546** | .457** | .383** | .449** | .350** |

Nota. PSCD: Proposed Specifiers for Conduct Disorder; FI: Grandiosidade; F2: Manipulação; F3: Frieza e Insensibilidade Emocional; F4: Impulsividade e Irresponsabilidade; F4: Antissocial; YPI-S: Youth Psychopathic Traits Inventory-Short; GM: Grandiosidade e Manipulação; FI: Frieza e Insensibilidade Emocional; II: Impulsividade e Irresponsabilidade; PCS-20: Brief Peer Conflict Scale; ARA: Agressão Reativa Aberta; ARR: Agressão Reativa Relacional; APA: Agressão Proativa Aberta; APR: Agressão Proativa Relacional.

^{ns}: non significant

** $p < .001$.

* $p < .05$.

Tabela 5

Estudo da associação da PSCD com a OASB-A, a SSPS-A e a CS-A.

| | OASB-A | SSPS-A | CS-A | |
|------|---------|---------------------|--------------------|--------------------|
| | | | J | C |
| PSCD | | | | |
| F1 | -.285** | .215** | .063 ^{ns} | .024 ^{ns} |
| F2 | .117** | -.004 ^{ns} | .254** | -.185** |
| F3 | .167** | -.174** | .500** | -.342** |
| F4 | .092* | -.030 ^{ns} | .084* | .035 ^{ns} |
| F5 | 1.22** | -.087 ^{ns} | .248** | -.183** |

Nota. PSCD: Proposed Specifiers for Conduct Disorder; SSPS-A: Social Safeness and Plesures Scale – Adolescent version, OASB-A: Other as Shamer Scale Brief-Adolescent version; CS: Compassion Scale; J: Julgamento; C: Compaixão; FI: Grandiosidade; F2: Manipulação; F3: Frieza e Insensibilidade Emocional; F4: Impulsividade e Irresponsabilidade; F4: Antissocial.

^{ns}: non significant.

** $p < .001$.

* $p < .05$.

Estudo das diferenças de género na PSCD

Os rapazes obtiveram pontuações mais elevadas em todas as dimensões da PSCD, comparativamente às raparigas, tendo sido encontradas diferenças de géneros nas dimensões *Grandiosidade*, *Manipulação*, *Frieza e Insensibilidade Emocional* e *Antissocial* da PSCD (cf. Tabela 6). Não foram encontradas diferenças de género na dimensão *Impulsividade e Irresponsabilidade* da PSCD (cf. Tabela 6).

Tabela 6

Diferenças de género na PSCD.

| | Rapazes | | Raparigas | | Z | p |
|------------------------------------|---------|------|-----------|------|--------|------|
| | M | DP | M | DP | | |
| Grandiosidade | .99 | .534 | .85 | .477 | -3.434 | .001 |
| Manipulação | .60 | .557 | .41 | .499 | -4.609 | .000 |
| Frieza e Insensibilidade Emocional | .43 | .371 | .29 | .312 | -5.426 | .000 |
| Impulsividade e Irresponsabilidade | 1.04 | .470 | .98 | .439 | -1.841 | .066 |
| Antissocial | .57 | .421 | .36 | .334 | -6.811 | .000 |

Nota. M = média; DP: desvio padrão; Z = valor do teste para o nível de significância; p = nível de significância.

V – Discussão

A psicopatia é considerada uma condição de alto risco de reincidência criminal, que tende a piorar e tornar-se menos responsiva ao tratamento ao longo do tempo (Caldwell, et al., 2012). Tem havido um interesse crescente em avaliar potenciais precursores da psicopatia na infância, com o objetivo de compreender os processos de desenvolvimento desta condição e permitir a sua identificação precoce (Frick & White, 2008), com vista à sua prevenção e tratamento (Ribeiro da Silva, et al., 2012, 2013, 2015; Salekin, 2010, 2015). A escala *Proposed Specifiers for Conduct Disorder* (Salekin e Hare, 2016) foi desenvolvida para avaliar todas as dimensões que caracterizam a psicopatia (GM, FI, II) e, ainda, a componente antissocial, propondo a inclusão de todas as dimensões da psicopatia como especificadores da PC. A inclusão destes especificadores poderia melhorar a compreensão da contribuição de cada traço psicopático para a exibição de determinados padrões emocionais, cognitivos e comportamentais por parte dos jovens com PC (Salekin, 2016, 2017), útil para o desenvolvimento de estratégias de intervenção adequadas às variabilidades individuais apresentadas por estes jovens (Salekin & Lochman, 2008).

O presente estudo propôs-se a investigar as propriedades psicométricas da PSCD numa amostra alargada e geograficamente diversa de adolescentes da população normal Portuguesa. Ainda não existem estudos que avaliem as propriedades psicométricas deste instrumento em amostras nacionais ou internacionais, o que torna este estudo o pioneiro. Atendendo às limitações dos instrumentos de medida que já existem para avaliar a psicopatia (Forth et al., 2003; Forth & Book, 2007; Pechorro et al., 2017; Vitacco et al., 2003), a validação da PSCD poderá ser útil para investigações futuras que se debrucem na avaliação dos traços psicopáticos, na compreensão da psicopatia na infância e adolescência e/ou na delineação de estratégias de intervenção adaptadas à variabilidade das características psicopáticas apresentadas pelos jovens.

Foi realizada uma Análise Fatorial Confirmatória para testar o modelo conceptual da PSCD que engloba os fatores de GM, FI e II e um quarto fator que considera os indicadores relativos ao comportamento antissocial (Salekin e Hare, 2016). Os baixos índices de ajustamento do modelo de medida original para a presente amostra conduziram à realização de uma Análise Fatorial Exploratória, tendo sido obtida uma estrutura de cinco fatores (*Grandiosidade; Manipulação; Frieza e Insensibilidade Emocional; Impulsividade e Irresponsabilidade; e Antissocial*) como o melhor ajustamento aos dados. A principal alteração consistiu na divisão da dimensão de *Grandiosidade-Manipulação* em dois fatores distintos (*Grandiosidade; e Manipulação*). Através da análise das médias das pontuações obtidas nas dimensões acima referidas, podemos observar um resultado mais elevado na média das pontuações da dimensão *Grandiosidade*, comparativamente à média das pontuações da dimensão *Manipulação*. Isto poderá sugerir que os adolescentes que constituem a presente amostra demonstram uma tendência para obter pontuações mais elevadas em características de grandiosidade relativamente à manipulação.

Analisando os itens que constituem a *Grandiosidade* (1: “Sou capaz de me mostrar encantador/a em qualquer situação que seja preciso”; 2: “Sou uma pessoa muito importante”; e 3: “Sou muito bom na maioria das coisas que faço”) e a *Manipulação* (4: “Tenho grande facilidade em mentir”; 5: “Sou capaz de me aproveitar dos outros”; e 6: “Sou bom a inventar histórias”), pode-se hipotetizar que os primeiros se apresentam menos representativos do construto na população normal. Tendo em conta a forma como estes itens se expressam, é possível inferir que a interpretação dos mesmos por parte de jovens da população normal seja diferente daquela que é feita por jovens com

comportamento antissocial. Apesar dos construtos de grandiosidade e manipulação estarem associados, coloca-se a hipótese dos adolescentes desta amostra interpretarem os três primeiros itens da escala (que avaliam características de grandiosidade) como características socialmente desejáveis, enquanto os três itens seguintes (avaliam características de manipulação) parecem ter tido uma interpretação mais negativa, pelo que os jovens obtiveram pontuações mais baixas nos mesmos. Deste modo, a *Grandiosidade* parece captar um autoconceito positivo por parte de adolescentes da população normal.

O modelo de medida de cinco fatores foi testado na amostra total, tendo sido obtidos índices de ajustamento aos dados próximos do aceitável. A análise dos *loadings* dos itens conduziu à decisão da exclusão do item 17 (“Gosto de viver no momento presente”), uma vez que este apresentava um *loading* muito baixo, com o objetivo de melhorar o ajustamento do modelo de medida aos dados. Analisando qualitativamente o item 17, podemos supor que interpretações distintas do mesmo possam ter tido influência no tipo de resposta. Este item pode não transparecer o caráter de impulsividade e irresponsabilidade que era suposto, pelo que pode não ser capaz de avaliar as características que pretende em adolescentes da população normal. Com a exclusão do item 17 e após realizadas as correlações das covariâncias entre os erros dos itens, o modelo de medida de cinco fatores modificado relevou uma boa qualidade de ajustamento aos dados, tanto na amostra feminina, como na amostra masculina.

O modelo de medida modificado de cinco fatores da PSCD apresenta os melhores índices de ajustamento à população normal de adolescentes. Relativamente aos índices de consistência interna da escala obtidos nas cinco dimensões, estes revelam que as dimensões que constituem a PSCD são capazes de avaliar o construto que pretendem avaliar, a psicopatia, nesta população.

Os resultados obtidos no estudo da associação entre a PSCD e outras variáveis relevantes vão maioritariamente de encontro ao esperado e de acordo com a literatura. Foram obtidas associações positivas entre as dimensões da PSCD e o total e as dimensões do YPI-S. Encontraram-se, também, associações positivas entre as dimensões da PSCD e o total e as dimensões do PCS-20, sendo que níveis elevados de psicopatia estão associados a comportamentos antissociais e agressivos (Hare & Neumann, 2009; Pechorro et al., 2012). No que respeita à OASB-A, encontraram-se associações positivas

entre esta escala e a maioria das dimensões da PSCD, como era esperado, uma vez que a psicopatia parece estar relacionada com a vergonha (Campbell & Elison, 2005; Nyström & Mikkelsen, 2012). No entanto, a dimensão *Grandiosidade* associou-se negativamente à vergonha externa, colocando-se a hipótese deste resultado estar associado a uma tentativa dos jovens esconderem a sua vergonha dos outros, manifestando, de forma compensatória, uma imagem menos positiva de si mesmos (Campbell & Elison, 2005; Nyström & Mikkelsen, 2012; Ribeiro da Silva et al., 2019b; Ribeiro da Silva et al., 2019c) Tal como esperado, as dimensões da PSCD associaram-se negativamente com a proximidade e ligação aos outros, avaliada pela SSPS-A (Gilbert & Procter, 2006) e com a atitude de compaixão da CS-A (Lee & Gibbons, 2017). No entanto, foi obtida uma associação positiva entre a dimensão *Grandiosidade* da PSCD com a escala SSPS-A. Uma hipótese explicativa para este resultado está relacionada com a possibilidade dos itens da *Grandiosidade* avaliarem um autoconceito positivo e sentimento de segurança em adolescentes da população normal. Finalmente, tal como hipotetizado (Lee & Gibbons, 2017), obtiveram-se associações positivas entre a maioria das dimensões que constituem a PSCD e a atitude de *Julgamento* da CS-A.

Através do estudo da fidelidade teste-reteste, os resultados sugerem que as pontuações dos mesmos sujeitos às dimensões da PSCD, em diferentes momentos de avaliação, são idênticos, revelando uma estabilidade temporal adequada. Este resultado contribui para a fidelidade deste instrumento de medida.

Como era esperado, os rapazes obtiveram pontuações mais elevadas nas dimensões da PSCD, comparativamente às raparigas (Sevecke et al., 2009). Foram encontradas diferenças de género na maioria das dimensões da PSCD, tal como era esperado (Crick et al., 2006; Edens et al., 2007; Loeber et al., 2009; Neumann et al., 2012; Vaughn et al., 2008; Verona & Vitale, 2018), à exceção da dimensão *Impulsividade e Irresponsabilidade*. Como hipótese explicativa para este resultado, pode-se referir a possibilidade da dimensão II não ser capaz de captar as características de impulsividade e irresponsabilidade manifestadas pelas raparigas, tal como foi observado em estudos anteriores (Verona & Vitale, 2010, 2018).

Limitações e direções futuras de investigação

Este estudo não se encontra ausente de limitações, pelo que a interpretação e generalização dos resultados devem ser feitas com precaução. No presente estudo, não foi incluído nenhum instrumento para avaliar a deseabilidade social, pelo que podem ter ocorrido enviesamentos. Para além disso, o uso exclusivo de instrumentos de autorrelato pode ter influenciado os resultados. Estudos futuros deverão incluir medidas de avaliação da deseabilidade social e basear-se em múltiplos métodos de avaliação para reduzir potenciais enviesamentos metodológicos.

Tendo em conta a necessidade de avaliar a psicopatia em jovens com comportamentos antissociais, investigações futuras deverão recorrer ao estudo da PSCD em amostras com estes jovens, de forma a verificar se os resultados se replicam e/ou de os indicadores de ajustamento ao modelo teórico de quatro fatores se ajusta nesta população. Estudos futuros com diferentes amostras (e.g., rapazes, raparigas, amostras forenses) também parecem fundamentais, de forma a verificar se é a interpretação aos itens da escala por parte das raparigas/rapazes da população normal que está a contribuir para os resultados obtidos no presente estudo.

Finalmente, é de salientar que as questões relacionadas com as diferenças de género revelam a necessidade de se desenvolver e testar modelos conceptuais capazes de comparar indivíduos masculinos e femininos com traços psicopáticos. Isto possibilitaria o desenvolvimento de instrumentos de avaliação mais precisos e, conseqüentemente, uma melhor compreensão das diferenças de género na manifestação das características psicopáticas (Skeem et al., 2011; Verona & Vitale, 2010; Verona et al., 2010).

VI - Conclusões

A escala PSCD nunca tinha sido estudada em adolescentes da população normal Portuguesa. A validação deste instrumento poderá ser importante para a comunidade científica e para a prática clínica, uma vez que possibilita a avaliação de todas as dimensões da psicopatia e, ainda, a componente antissocial.

Tendo em conta as diferenças de género na manifestação dos traços psicopáticos, torna-se essencial o desenvolvimento de modelos conceptuais capazes de comparar indivíduos masculinos e femininos com traços psicopáticos, contribuindo para o

desenvolvimento de instrumentos de avaliação mais precisos e uma melhor compreensão destas diferenças de género.

O estudo das propriedades psicométricas da PSCD em amostras de jovens com comportamentos antissociais é importante para obter um instrumento que avalie de forma precisa os traços psicopáticos nesta população, o que poderá contribuir para a delimitação de técnicas terapêuticas de intervenção adequadas à variabilidade das características psicopáticas dos jovens.

Bibliografia

- American Psychiatric Association. (2013). *Manual de Diagnóstico e Estatística das Perturbações Mentais* (5ª ed.). Portugal: Climepsi Editores.
- Andershed, H., Kerr, M., Stattin, H., & Levander, S. (2002). Psychopathy traits in non-referred youths: Initial test of a new assessment tool. In E. Blaauw, & I. Sheridan (Eds), *Psychopaths: Current international perspectives* (pp. 131-158). Hague, The Netherlands: Elsevier.
- Andershed, H., Köhler, D., Eno Louden, J., & Hinrichs, G. (2008). Does the three-factor model of psychopathy identify a problematic subgroup of young offenders? *International Journal of Law and Psychiatry*, *31*, 189–198. doi:10.1016/j.ijlp.2008.04.003.
- Assary, E., Salekin, R. T., & Barker, E. D. (2014). Big-Five and callous-unemotional traits in preschoolers. *Journal of Psychopathology and Behavioral Assessment*, *37*, 371–379. doi:10.1007/s10862-014-9471-9.
- Bailey, C., & Shelton, D. (2013). Self-reports of faulty parental attachments in childhood and criminal psychopathy in an adult-incarcerated population: an integrative literature review. *Journal of Psychiatric and Mental Health Nursing*, *21*, 365–374. doi:10.1111/jpm.12086.
- Baskin-Sommers, A. R., Waller, R., Fish, A. M., & Hyde, L. W. (2015). Callous-Unemotional Traits Trajectories Interact with Earlier Conduct Problems and Executive Control to Predict Violence and Substance Use Among High Risk Male Adolescents. *Journal of Abnormal Child Psychology*, *43*, 1529–1541. doi:10.1007/s10802-015-0041-8.
- Caldwell, M. F., McCormick, D., Wolfe, J., & Umstead, D. (2012). Treatment-Related Changes in Psychopathy Features and Behavior in Adolescent Offenders. *Criminal Justice and Behavior*, *39*, 144–155. doi:10.1177/0093854811429542.
- Campbell, J. S., & Elison, J. (2005). Shame Coping Styles and Psychopathic Personality Traits. *Journal of Personality Assessment*, *84*, 96–104. doi: 10.1207/s15327752jpa8401_16.
- Carton, H., & Egan, V. (2017). The dark triad and intimate partner violence. *Personality and Individual Differences*, *105*, 84–88. doi:10.1016/j.paid.2016.09.040.
- Cleckley, H. (1988). *The mask of sanity* (6th Ed.). St. Louis, MO: Mosby (Original work published 1941).

- Colins O. F., Bijttebier, P., Broekaert, E., & Andershed H. (2014). Psychopathic-like traits among detained female adolescents: Reability and validity of the Antisocial Process Screening Device and the Youth Psychopathic Traits Inventory. *SAGE Journals*, 21, 195-209. doi:10.1177/1073191113481997.
- Cooke, D., & Michie, C. (2001). Refining the construct of psychopathy: Towards a hierarchical model. *Psychological Assessment*, 13, 171-188. doi: 10.1037/1040-3590.13.2.171.
- Corrado, R. R., Vincent, G. M., Hart, S. D., & Cohen, I. M. (2004). Predictive validity of the Psychopathy Checklist: Youth Version for general and violent recidivism. *Behavioral Sciences & the Law*, 22, 5–22. doi:10.1002/bsl.574.
- Crick, N. R., Ostrov, J. M., & Werner, N. E. (2006). A longitudinal study of relational aggression, physical aggression, and children's social-psychological adjustment. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 34, 127–138. doi:10.1007/s10802-005-9009-4.
- Edens, J. F., Campbell, J. S., & Weir, J. M. (2007). Youth psychopathy and criminal recidivism: A meta-analysis of the psychopathy checklist measures. *Law and Human Behavior*, 31, 53–75. doi:10.1007/s10979-006-9019-y.
- Elison, J., Pulos, S., & Lennon, R. (2006). Investigating the compass of shame: The development of the compass of shame scale. *Social Behavior and Personality*, 34, 221-238.
- Forth, A. E., & Book, A. S. (2007). Psychopathy in Youth: A Valid Construct? In H. Hervé & J. C. Yuille (Eds.), *The Psychopath: Theory, Research, and Practice* (pp. 369-387). Mahwah, NJ, US: Lawrence Erlbaum Associates Publishers.
- Forth, A. E., Hart, S. D., & Hare, R. D. (1990). Assessment of psychopathy in male offenders. *Psychological Assessment*, 2, 342-344. doi: 10.1037/1040-3590.2.3.342.
- Forth, A. E., Kosson, D. S., & Hare, R. D. (2003). *The Psychopathy Checklist – Young Version*. Toronto: Multi-Health Systems. doi: 10.1037/a0020044.
- Frick, P. J., & Hare, R. (2001). *The antisocial process screening device (APSD): Technical manual*. Toronto: Multi-Health Systems. doi: 10.1177/1073191103252347.
- Frick, P. J., & White, S. F. (2008). Research Review: The importance of callous-unemotional traits for developmental models of aggressive and antisocial behavior. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 49, 359–375. doi:10.1111/j.1469-7610.2007.01862.x.

- Frodi, A., Dernevik, M., Sepa, A., Philipson, J., & Bragesjö, M. (2001). Current attachment representations of incarcerated offenders varying in degree of psychopathy. *Attachment & Human Development, 3*, 269–283. doi:10.1080/14616730110096889
- Fu, G., Evans, A. D., Xu, F., & Lee, K. (2012). Young children can tell strategic lies after committing a transgression. *Journal of Experimental Child Psychology, 113*, 147–158. doi:10.1016/j.jecp.2012.04.003.
- Gilbert, P. (2010). An Introduction to Compassion Focused Therapy in Cognitive Behavior Therapy. *International Journal of Cognitive Therapy, 3*, 97–112. doi:10.1521/ijct.2010.3.2.97.
- Gilbert, P., & Procter, S. (2006). Compassionate Mind Training for People with High Shame and Self-Criticism: Overview and Pilot Study of a Group Therapy Approach. *Clinical Psychology & Psychotherapy, 13*, 353-379. doi:10.1002/cpp.507.
- Gilbert, P., McEwan, K., Mitra, R., Richter, A., Franks, L., Mills, A., Bellew, R. & Gale, C. (2009). An exploration of different types of positive affect in students and patients with bipolar disorder. *Clinical Neuropsychiatry, 6*, 135-143.
- Goss, K., Gilbert, P., & Allan, S. (1994). An exploration of shame measures I: The “other as Shamer scale”. *Personality and Individual Differences, 17*, 713-717. doi: /10.1016/0191-8869(94)90149-X.
- Hair, F., Black, C., Babin, J., & Anderson, E. (2009). *Multivariate data analysis* (7th ed.). Upper Saddle River, NJ: Prentice Hall.
- Hare, R. D. (1991). *The Hare psychopathy checklist - Revised*. Toronto: Multi-Health Systems.
- Hare, R. D. (2003). *The Hare psychopathy checklist - Revised* (2nd ed.). Toronto: Multi-Health Systems.
- Hare, R. D., & Neumann, C. S. (2006). The PCL-R Assessment of Psychopathy: Development, Structural Properties, and New Directions. In C. J. Patrick (Ed.), *Handbook of psychopathy* (pp. 58-88). New York: The Guilford Press.
- Hare, R. D., & Neumann, C. S. (2009). Psychopathy: Assessment and Forensic Implications. *The Canadian Journal of Psychiatry, 54*, 791–802. doi:10.1177/070674370905401202.
- Hu, L. & Bentler, P. (1999). Cutoff criteria for fit indexes in covariance structure analysis: Conventional criteria versus new alternatives. *Structural Equation*

- Modeling: A multidisciplinary Journal*, 61, 1-55. doi: 10.1080/10705519909540118.
- IBM Corp. Released 2013. IBM SPSS Statistics for Windows, Version 22.0. Armonk, NY: IBM Corp.
- Instituto Nacional de Estatística (2010). Classificação Portuguesa das Profissões.
- Jonason, P. K., & Kroll, C. H. (2015). A multidimensional view of the relationship between empathy and the dark triad. *Journal of Individual Differences*, 36, pp. 150-156. doi:10.1027/1614-0001/a000166.
- Kline, R. B. (2016). *Principles and Practice of Structural Equation Modeling* (3rd ed.). New York: The Guilford Press.
- Kosson, D. S., Vitacco, M. J., Swogger, M. T., & Steuerwald, B. L. (2016). Emotional experiences of the psychopath. In C. B. Gacono (Ed.), *Personality and clinical psychology series. The clinical and forensic assessment of psychopathy: A practitioner's guide* (pp. 73-95). New York: Routledge/Taylor & Francis Group.
- Kruh, I. P., Frick, P. J., & Clements, C. B. (2005). Historical and Personality Correlates to the Violence Patterns of Juveniles Tried as Adults. *Criminal Justice and Behavior*, 32, 69–96. doi:10.1177/0093854804270629.
- Kumsta, R., Sonuga-Barke, E., & Rutter, M. (2012). Adolescent callous–unemotional traits and conduct disorder in adoptees exposed to severe early deprivation. *British Journal of Psychiatry*, 200, 197–201. doi:10.1192/bjp.bp.110.089441.
- Lee, S. A., & Gibbons, J. A. (2017). The Dark Triad and compassion: Psychopathy and narcissism's unique connections to observed suffering. *Personality and Individual Differences*, 116, 336–342. doi:10.1016/j.paid.2017.05.010.
- Leistico, A. R., Salekin, R. T., DeCoster, J., & Rogers, R. (2008). A large-scale meta-analysis relating the Hare measures of psychopathy to antisocial conduct. *Law and Human Behavior*, 32, 28–45. doi:10.1007/s10979-007-9096-6.
- Loeber, R., Burke, J., & Pardini, D. A. (2009). Perspectives on oppositional defiant disorder, conduct disorder, and psychopathic features. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 50, 133–142. doi:10.1111/j.1469-7610.2008.02011.x.
- Luukkonen, A.-H., Riala, K., Hakko, H., & Räsänen, P. (2011). Bullying behaviour and criminality: A population-based follow-up study of adolescent psychiatric inpatients in Northern Finland. *Forensic Science International*, 207, 106–110. doi:10.1016/j.forsciint.2010.09.012.

- Lynam, D. R., Caspi, A., Moffitt, T. E., Loeber, R., & Stouthamer-Loeber, M. (2007). Longitudinal evidence that psychopathy scores in early adolescence predict adult psychopathy. *Journal of Abnormal Psychology, 116*, 155–165. doi:10.1037/0021-843x.116.1.155.
- Marsee, M. A., Barry, C. T., Childs, K. K., Frick, P. J., Kimonis, E. R., Munoz, L. C., Aucoin, K. J., Fassnacht, G.M., Kunimatsu, M.M. & Lau, K. S. L. (2011). Assessing the forms and functions of aggression using self-report: Factor structure and invariance of the Peer Conflict Scale in youths. *Psychological Assessment, 23*, 792-804. doi:10.1037/a0023369.
- Miguel, R., Sousa, R., Brazão, N., Rijo, D., Castilho, P., & Gilbert, P. (2018). *Dimensionality and measurement invariance of the Social Safeness and Pleasure Scale in adolescent samples*. Artigo submetido para publicação.
- Morrongiello, B. A., & Lasenby, J. (2006). Finding the daredevils: Development of a Sensation Seeking Scale for children that is relevant to physical risk taking. *Accident Analysis & Prevention, 38*, 1101–1106. doi:10.1016/j.aap.2006.04.018.
- Muthén, L.K., & Muthén, B.O. (1998-2017). Mplus User's Guide. Eighth Edition. Los Angeles, CA: Muthén & Muthén.
- Muthén, L. K., & Muthén, B. O. (2007). Mplus user's guide. Los Angeles, CA: Muthén & Muthén.
- Nathanson, D. L. (1992). *Shame and pride*. New York: Norton.
- Neumann, C. S., Schmitt, D. S., Carter, R., Embley, I., & Hare, R. D. (2012). Psychopathic Traits in Females and Males across the Globe. *Behavioral Sciences & the Law, 30*, 557–574. doi:10.1002/bsl.2038.
- Nunnally, J., & Bernstein, I. H. (1994). *Psychometric theory* (3rd ed.). New York: McGraw-Hill.
- Odgers C. L., & Moretti M. M. (2002). Aggressive and antisocial girls: Research update and challenges. *International Journal of Forensic Mental Health, 1*, 103–119. doi: 10.1080/14999013.2002.10471166.
- Pechorro, P., Gonçalves, R. A., Maroco, J., Gama, A. P., Neves, S., & Nunes C. (2012). Juvenile delinquency and psychopathic traits: An empirical study with Portuguese students. *International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology, 58*, 174-189. doi: 10.1177/0306624X12465584.
- Pechorro, P., Ribeiro da Silva, D., Rijo, D., Gonçalves, R. A., & Andershed, H. (2017). Psychometric properties and measurement invariance of the Young Psychopathic Traits Inventory – Short version among Portuguese youth. *Journal*

- of Psychopathology and Behavioral Assessment*, 39, 486-497.
doi:10.1007/s10862-017-9597-7.
- Pestana, H. & Gageiro, N. (2005). *Análise de dados para ciências sociais: A complementaridade do SPSS* (4th ed.). Lisboa: Edições Sílabo.
- Pinel, P. (1962). *A treatise on insanity* (D. Davis, Trans.). New York: Hafner (Original work published 1806).
- Pommier, E. A. (2010). *The Compassion Scale* (Dissertação de Doutoramento). USA: University of Texas.
- Prichard, J. C. (1835). *A treatise on insanity and other disorders affecting the mind*. London: Sherwood, Gilbert & Piper.
- Ribeiro da Silva, D., Rijo, D., & Salekin, R. T. (2012). Child and adolescent psychopathy: A state-of-the-art reflection on the construct and etiological theories. *Journal of Criminal Justice*, 40, 269-277.
doi:10.1016/j.jcrimjus.2012.05.005
- Ribeiro da Silva, D., Rijo, D., & Salekin, R. T. (2013). Child and adolescent psychopathy: Assessment issues and treatment needs. *Aggression and Violent Behavior*, 18, 71-78. doi: 10.1016/j.avb.2012.10.003.
- Ribeiro da Silva, D., Rijo, D., & Salekin, R.T. (2015). The evolutionary roots of psychopathy. *Aggression and Violent Behavior*, 21, 85-96.
doi:10.1016/j.avb.2015.01.006.
- Ribeiro da Silva, D., Salekin, R. T., & Rijo, D. (2019a). Psychopathic severity profiles: A latent profile analysis in youth samples with implications for the diagnosis of conduct disorder. *Journal of Criminal Justice*, 60, 74-83. doi: 10.1016/j.jcrimjus.2018.12.003.
- Ribeiro da Silva, D., Vagos, P., & Rijo, D. (2019b). An evolutionary model to conceptualize psychopathic traits across community and forensic male youth. *Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology*, 63, 574-596.
- Ribeiro da Silva, D., Vagos, P., & Rijo, D. (2019c). Conceptualizing psychopathic traits from an evolutionary-based perspective: An empirical study in a community sample of boys and girls. *Current Psychology*. Advance online publication. doi: 10.1007/s12144-019-00353-3
- Salekin, R. T. (2010). Treatment of child and adolescent psychopathy: Focusing on change. In R. T. Salekin & D. R. Lynam (Eds.), *Handbook of child and adolescent psychopathy* (pp. 343-373-12). New York: Guilford Press.

- Salekin, R. T. (2016). Psychopathy in childhood: Toward better informing the DSM-5 and ICD-11 Conduct Disorder Specifiers. *Personality Disorders: Theory, Research, and Treatment*, 7, 180-191. doi:10.1037/per0000150.
- Salekin, R. T. (2017). Research review: What do we know about psychopathic traits in children. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 58, 1180–1200. doi: 10.1111/jcpp.12738.
- Salekin, R. T., & Hare, R. D. (2016). *Proposed Specifiers for Conduct Disorder (PSCD)*. Unpublished test.
- Salekin, R. T., & Lochman, J. E. (2008). Child and adolescent psychopathy: The search for protective factors. *Criminal Justice and Behavior*, 35, 159-172. doi: 10.1177/0093854807311330.
- Salekin, R. T., & Lynam, D. R. (2010). Child and adolescent psychopathy: An introduction. In R. T. Salekin & D. R. Lynam (Eds.), *Handbook of child and adolescent psychopathy* (pp. 1-12). New York: Guilford Press.
- Salekin, R. T., Andershed, H., & Clark, A. P. (2018). Psychopathy in children and adolescents: Assessment and critical questions regarding conceptualization. In C. J. Patrick (Ed.). *Handbook of psychopathy* (pp. 479–508). (2 nd Ed). New York: Guilford Press.
- Sevecke, K., Lehmkuhl, G., & Krisher, M. (2009) Examining relations between psychopathology and psychopathy dimensions among female and male offenders. *European Journal of Child and Adolescent Psychiatry*, 18, 85-95.
- Schimmenti, A., Caprì, C., La Barbera, D., & Caretti, V. (2014). Mafia and psychopathy. *Criminal Behaviour and Mental Health*, 24,321–331. doi: 10.1002/cbm.1902.
- Sharp, C., & Vanwoerden, S. (2014). Social Cognition: Empirical Contribution: The Developmental Building Blocks of Psychopathic Traits: Revisiting the Role of Theory of Mind. *Journal of Personality Disorders*, 28, 78–95. doi:10.1521/pedi.2014.28.1.78.
- Sousa, R., Brazão, N., Paulo, M., Castilho, P., & Rijo, D. (2019). *Measuring compassion toward others: Dimensionality of the Compassion Scale in community adolescents and in adolescents with behavioral disorders*. Artigo submetido para publicação.
- Sousa, R., Castilho, P., Vieira, C., Vagos, P., & Rijo, D. (2017). Dimensionality and gender-based measurement invariance of the Compassion Scale in a community

- sample. *Personality and Individual Differences*, 117, 182-187. doi:10.1016/j.paid.2017.06.003.
- Skeem, J. L., Polaschek, D. L. L., Patrick, C. J., & Lilienfeld, S. O. (2011). Psychopathic personality. *Psychological Science in the Public Interest*, 12, 95–162. doi:10.1177/1529100611426706.
- Tangney, J. P., & Tracy, J. L. (2012). Self-conscious emotions. In M. Leary & J. P. Tangney (Eds.), *Handbook of self and identity* (2nd ed., pp. 446-478). New York, NY: Guilford Press.
- Vagos, P., Ribeiro da Silva D., Brazão, N., Rijo, D., & Gilbert, P. (2016). Dimensionality and measurement invariance of the Other as Shamer Scale across diverse adolescent samples. *Personality and Individual Differences*, 98, 289-296. doi:10.1016/j.paid.2016.04.046.
- Vagos, P., Rijo, D., Santos, I. M., & Marsee, M. A. (2014). Forms and functions of aggression in adolescents: Validation of the Portuguese Version of the Peer Conflict Scale. *Journal of Psychopathology and Behavioral Assessment*, 36, 570-579. doi:10.1007/s10862-014-9421-6.
- van Baardewijk, Y., Andershed, H., Stegge, H., Nilsson, K., Scholte, E., & Vermeiren, R. (2010). Development and tests of short versions of the Youth Psychopathic Traits Inventory and the Youth Psychopathic Traits Inventory-Child Version. *European Journal of Psychological Assessment*, 26, 122-128.
- van Baardewijk, Y., Stegge, H., Andershed, H., Thomaes, S., Scholte, E., & Vermeiren, R. (2008). Measuring psychopathic traits in children through self-report. The development of the Youth Psychopathic traits Inventory - Child Version. *International Journal of Law and Psychiatry*, 31, 199–209. doi:10.1016/j.ijlp.2008.04.004.
- Vaughn, M. G., Newhill, C. E., DeLisi, M., Beaver, K. M., & Howard, M. O. (2008). An investigation of psychopathic features among delinquent girls. *Youth Violence and Juvenile Justice*, 6, 240–255. doi:10.1177/1541204007312298
- Vernberg, E. M., Nelson, T. D., Fonagy, P., & Twemlow, S. W. (2011). Victimization, Aggression, and Visits to the School Nurse for Somatic Complaints, Illnesses, and Physical Injuries. *PEDIATRICS*, 127, 842–848. doi:10.1542/peds.2009-3415.
- Verona, E., & Vitale, J. (2006). Psychopathy in women: Assessment, manifestations, and etiology. In C. J. Patrick (Ed.), *Handbook of psychopathy* (pp. 415–436). New York, NY, US: The Guilford Press.

- Verona, E., & Vitale, J. (2018). Psychopathy in women: Assessment, manifestations, and etiology. In C. J. Patrick (Ed.), *Handbook of psychopathy* (pp. 509-528). New York, NY, US: The Guilford Press.
- Verona, E., Sadeh, N., & Javdani, S. (2010). The influences of gender and culture on child and adolescent psychopathy. In R. T. Salekin & D. R. Lynam (Eds.), *Handbook of Child and Adolescent Psychopathy* (pp. 317-342). New York: The Guilford Press.
- Viding, E., & McCrory, E. J. (2012). Genetic and neurocognitive contributions to the development of psychopathy. *Development and Psychopathology*, *24*, 969–983. doi:10.1017/s095457941200048x.
- Vincent, G. M., Vitacco, M. J., Grisso, T., & Corrado, R. R. (2003). Subtypes of adolescent offenders: affective traits and antisocial behavior patterns. *Behavioral Sciences & the Law*, *21*, 695–712. doi:10.1002/bsl.556.
- Vitacco, M. J., Rogers, R., & Neumann, C. S. (2003). The Antisocial Process Screening Device: An examination of its construct and criteria-related validity. *Assessment*, *10*, 143–150. doi:10.1177/1073191103010002005.
- Weizmann-Henelius, G., Putkonen, H., Grönroos, M., Lindberg, N., Eronen, M., & Häkkänen-Nyholm, H. (2010). Examination of psychopathy in female homicide offenders — Confirmatory factor analysis of the PCL-R. *International Journal of Law and Psychiatry*, *33*, 177–183. doi:10.1016/j.ijlp.2010.03.008

